

## Rotunda portuguesa e rotatória brasileira: caso de variação?

Américo Venâncio Lopes Machado Filho  
Universidade Federal da Bahia

Seria certamente inoportuno perguntar a um brasileiro se no cardápio de suas refeições diárias figurariam, eventualmente, **chocos estufados, cachaço no forno com batatas, bife da vazia com grelos ou prego no pão**.

Poder-se-ia arriscar, na indisponibilidade de índices estatísticos gastronômicos confiáveis, que **camarão, filé mignon e picanha** seriam compreendidos como elementos de consumo básico da alimentação nacional, se se considerarem os recentes gastos do Ministério da Defesa, financiados com recursos públicos, originalmente destinados ao combate à Covid-19, sem se esquecer das **bebidas alcoólicas** e de muito **leite condensado**, naturalmente.

Para além dessas diferenças de verve gastronômica, existe, no espectro das inúmeras janelas culturais entre os brasileiros e os portugueses, outras que se hão de refletir, obviamente, no inventário lexical, e, dentre elas, uma em particular que parece causar, para além das oscilações identitárias, um paradoxo comportamental bastante perigoso para alguns dos cidadãos de ambos os países: a **rotatória**, também conhecida em alguns dialetos brasileiros por **rótula**, e mais comumente identificada em Portugal por **rotunda**.

Aliás, quem tenha minimamente conhecido Portugal não há de como não recordar da **Rotunda do Marquês de Pombal**, em que essa poderosa figura posa, no resplandecer de seu poder setecentista, dominando um leão, na baixa de Lisboa, ou da **Rotunda da Boavista**, no Porto, em que já não é o homem o dominador, mas o leão sobre uma águia, representando a vitória luso-britânica sobre as tropas de Napoleão. Atenção que *leão* e *-leão* são mera formas silábicas convergentes, pois Napoléon, português *Napoleão*, tem étimo germânico < *Nibelungen*, enquanto *leão*, como se sabe, advém do latim < *leo,-onis*.

Não obstante esse desvio “circunlocutório”, a questão lexical de viés incidentalmente cultural que interessa aqui é a, como antes se disse, da **rotatória** e a da **rotunda**. Sempre julguei tratar-se de variantes das duas variedades da língua portuguesa. Afinal, se se consultar a Alínea b, do Inciso III, do Artigo 29, do Capítulo III, das Normas gerais de circulação e conduta, do *Código de Trânsito Brasileiro* – tudo dito ao contrário como se propositalmente na contramão, mas sem prejuízo ao direito e ao tráfego – há de se verificar que seu valor significativo no trânsito seria o mesmo do praticado em Portugal, isto é,

quando veículos, transitando por fluxos que se cruzem, se aproximarem de local não sinalizado, terá preferência de passagem: (...) no caso de rotatória, aquele que estiver circulando por ela (Código de Trânsito Brasileiro).

Ora, mas como uma vez disse Caetano Veloso, na curiosa canção “*Vamo” comer* (1987) que “Baiano burro nasce, cresce e nunca pára no sinal”, tenho, há muitos anos, como luso-brasileiro que sou, dificuldade em transitar nas **rotatórias**, no Brasil,

nomeadamente na Bahia, mas não nas **rotundas**, em Portugal, embora as tivesse sempre considerado variantes lexicais.

Recentemente, entre as orientações dadas a uns amigos portugueses, em primeira visita à Bahia, destacou-se uma em especial, a de que reinterpretassem o valor semântico de **rotunda**, nunca julgando se tratar de uma prática de trânsito correlata à adotada internacionalmente, mas uma inovação que assumiu cunho normal, isto é, um hábito reiterado, que se normalizou a tal ponto de se manifestar em completo desacordo ao que estabelece a Lei. Quem está na rotatória não tem qualquer preferência de passagem. Ao menos na Bahia. É um “salve-se quem puder”. Aliás, a faixa de pedestre também não lhe pertence, sendo mero elemento de decoração. Claro que há o bom exemplo de Brasília, mesmo que seja estranho, com as devidas vênias, que os políticos pratiquem isso por lá.

Considerando o que determina a lexicografia histórico-variacional de que são variantes as diferentes formas de qualquer ordem que correspondam a um mesmo valor significativo, como se haveria de considerar a relação entre **rotunda** e **rotatória**?

A dialetologia tem mostrado que variantes que existem em um dialeto podem não ser variantes em outro. A **mandioca**, com o aipim e a macaxeira, assim como a musse e a geleia, estão aí como exemplo.

A sorte é que há poucas rotatórias na Bahia.